Os fazeres musicais de imigrantes africanos no Rio Grande do Sul: o caso dos senegaleses e ganeses em Caxias do Sul

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: ETNOMUSICOLOGIA

Kelvin Venturin
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Kelvinventurin@gmail.com

Maria Elizabeth Lucas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – lizabet2008@gmail.com

Resumo: Esta comunicação deriva de uma pesquisa mais ampla de mestrado e apresenta uma reflexão sobre os fazeres musicais de imigrantes senegaleses e ganeses no Rio Grande do Sul. Pela via da observação-participante em ensaios e shows do grupo musical *Sabar África*, objetiva indagar como esses sujeitos experienciam musicalmente a mobilidade e lidam com os desafios e conflitos impostos pelos contextos da migração. A etnografia dessa experiência, que teve inicio em 2017, forneceu algumas pistas sobre a relevância da prática musical no contexto migrante no sul do país, assim como as tensões e negociações presentes nesse engajamento sociomusical.

Palavras-chave: Música e migração. Relações interculturais. Senegaleses e Ganeses no RS.

The Musical Practices of African Immigrants in Rio Grande do Sul: the Case of Senegalese and Ghanaians in Caxias do Sul

Abstract: This communication is drawn from a research in progress and presents a reflection on the musical practice of Senegalese and Ghanaian immigrants in Rio Grande do Sul. Through the participant-observation in rehearsals and performances of the musical group Sabar África, aims to investigate how these subjects musically experience mobility and deal with the challenges and conflicts imposed by the migration context. The ethnography of this experience, which began in 2017, provides some clues about the importance of music in the migrant milieu in the south of the country as well as the tensions and negotiations present in this sociomusical engagement.

Keywords: Music and migration. Intercultural relations. Senegalese and Ghanaians in RS.

> Boa noite a todos. Eu queria agradecer por esse dia que a gente se organizo com as pessoas daqui, como eu sempre falo, que a gente viemos migrar aqui, mas a gente também trás nossa cultura. Então a gente quer compartilhar com vocês. Eu digo que migrar é uma coisa rica porque as pessoas que estão aqui podem aprender. As pessoas, desde que estamos aqui, oito anos atrás, sempre estão ajudando, estão apoiando e sempre estão ao redor de nós. Agradeço todas as pessoas que estão sempre... eu digo que a gente se sente seguro, nos sentimos feliz porque sempre que a gente chama a galera, olhamos para trás e vemos sempre as mesmas pessoas e essas pessoas sempre apoiaram a gente. Eu digo que a gente sente saudade da família, mas em casa a gente sente aqui. Então, mais uma vez, obrigado [Diário de Campo de 12 de maio de 2018].

Essa foi a fala de Billy, um jovem senegalês de 32 anos, comerciante e presidente da Associação dos Senegaleses de Caxias do Sul, durante a segunda edição do África Fashion Diversidade realizado no teatro da Casa de Cultura da cidade, no dia 12 de maio de 2018. O evento organizado pela associação buscava dar visibilidade para o empreendedorismo de imigrantes senegaleses na cidade, costureiros, escultores, pintores, cabeleireiros, grupos musicais e mostrava como esses sujeitos buscavam ocupar espaços e se inserir nesse novo lugar. A decisão de migrar é por si só algo traumático, se distanciar da família, aprender uma nova

língua, se inserir no mercado de trabalho de um país completamente estranho, lidar com comportamentos e hábitos de pensamento completamente diferentes, se não opostos aos do seu país natal, somam-se ao preconceito ainda latente de uma cidade fruto da imigração europeia do final do século XIX. Nesse sentido, será que esses encontros interculturais percebidos como simétricos e sem conflitos pelo público desses eventos em sua maioria brancos de classe média, eu incluído, e que talvez seja ilustrado no discurso livre de choques de Billy, se sustenta se pensarmos no dia-a-dia desses sujeitos e nos desafios e dificuldades inerentes à migração de caráter laboral de africanos para o Brasil? Em meu mestrado estou tratando de entender estas e outras questões junto a um grupo de aproximadamente 12 imigrantes senegaleses e ganeses vivendo nas cidades de Caxias do Sul, Passo Fundo e Porto Alegre e, em última análise, descobrir o que seus fazeres musicais podem nos dizer sobre o fenômeno da imigração africana para o Rio Grande do Sul em termos de construções identitárias, relações interculturais, transnacionalismo e preconceito além das tensões e negociações desse grupo cultural com a formação cultural mais ampla.

Por ora, tratarei especificamente da minha experiência etnográfica junto ao grupo de percussão, dança e canto *Sabar África*, uma das atrações do África Fashion Diversidade, para apresentar algumas reflexões por meio da observação-participante em ensaios e apresentações do grupo, bem como das inúmeras conversas informais com esses colaboradores, examinando como esses sujeitos desenvolvem e agenciam suas práticas musicais em contextos novos e desconhecidos, como se posicionam e percebem seu público, tendo que lidar com os desafios impostos não só pelo estigma envolvendo o status de imigrante, mas também o contexto branco e racista de uma região em que a imigração europeia do final do século XIX, é reputada como modelo de sociedade ideal para o Brasil[1]. Examino assim as estratégias de como esses sujeitos criam conexões musicais locais alinhados com conexões musicais com seus lugares de origem e seus conterrâneos na diáspora.

Estudos etnomusicológicos apontam para a importância de pensar o campo de dentro das práticas musicais. Titon (2008, p.30) defende uma etnomusicologia que enfatize o entendimento, mais que a explicação, da experiência de pessoas fazendo música, nós incluídos. Para Seeger (2008, p.239) uma etnografia da música deve olhar para a performance musical de uma perspectiva mais ampla que apenas seus sons para considerar não apenas os performers, mas o público e o contexto em que ela está inserida. Turino (2008, p.1) aponta para as múltiplas maneiras em que a música se torna socialmente significativa se distanciando do paradigma da forma de arte unitária. É claro que nem todos os migrantes são músicos nesse sentido, muito menos profissionais que vendem gravações e ingressos para shows, sendo capazes de ganhar a

vida principalmente através dessas atividades. Dessa forma os fazeres musicais são compreendidos aqui em termos do engajamento musical de imigrantes (e não migrantes) que se reúnem para fazer música sejam eles amadores, especialistas, ouvintes e artistas, eu incluído, que se estranham e fazem um caminho de aproximação (CARDOSO, 1986, p.103). Pessoas que se movem fisicamente para novos lugares temporária e permanentemente, com papéis ou sem eles e lá engajam-se no fazer musical no sentido mais amplo do termo. Meus colaboradores do grupo Sabar África fazem parte de um contexto de imigração laboral e buscam no Brasil melhores oportunidades para auxiliar financeiramente suas famílias em seus países de origem. Nesse novo lugar reúnem-se em torno de práticas culturais e musicais que assumem múltiplos significados e interesses tanto individuais como coletivos e que são permeadas por encontros, desencontros, estranhamentos e trocas.

A compra do ingresso na portaria, no valor de R$20 reais, dava acesso ao hall de entrada da Casa de Cultura da cidade, onde se encontrava uma bancada repleta de esculturas em madeira e quadros de pintura em vidro produzidos pelo senegalês Ousmane Ndiaye. Segui para o auditório onde me sentei e aguardei o inicio do evento. A primeira atividade compreendeu um desfile de roupas africanas confecionadas por um grupo de senegaleses que resolveram dar continuidade ao trabalho com costura que desenvolviam no Senegal. O corpo de modelos em sua maioria era formado por jovens da cidade que, ao pararem em frente ao público durante sua performance, faziam gestos que remetiam ao filme "Pantera Negra", Super-herói negro que vem do país africano fictício de *Wakanda* e que surgiu nos quadrinhos da década de 60 nos Estados Unidos baseado nos Panteras Negras, organização política que foi importante tanto no contexto das demandas dos direitos civis quanto no movimento cultural Black Power. O evento seguiu com a apresentação do rapper e produtor haitiano Smog que cantou sobre uma trilha sonora pré-gravada conhecida no Hip-Hop como *Trap*. Ele foi responsável também pelo registro audiovisual do evento[2]. As performances continuaram com o grupo Samba de Coco, que apresentou suas músicas autorais cantadas sobre ritmos afro-brasileiros como o coco e o maracatu, e então chegou a vez do *Sabar África* subir ao palco.

Caxias do Sul é a segunda cidade em população do RS (504.069 habitantes), atraindo trabalhadores de diversas regiões do país e muitos imigrantes - senegaleses, ganeses, haitianos e mais recentemente também os venezuelanos - devido às oportunidades de emprego ali oferecidas por ser um dos maiores polos metalomecânicos do país, pelas indústrias da área têxtil, vinícola e moveleira, e por abrigar grandes frigoríficos exportadores de aves com certificado *Halal.* Também é um importante centro universitário e pólo de atividades culturais.

Desde que conheci o grupo *Sabar África* em um evento da Associação dos Senegaleses de Porto Alegre e estando ciente das questões de geopolítica internacional que desencadearam a imigração senegalesa para o Estado a partir de 2010[2], me perguntava qual era a relação desses músicos africanos e muçulmanos com o contexto global da migração: seria o *Sabar* uma banda musical senegalesa? Atuariam como músicos no Senegal? Por que resolveram emigrar para o Brasil? Como passaram a construir suas vidas e suas carreiras musicais nesse novo lugar? Qual o significado do termo *Sabar* e o que ele revelaria sobre as práticas, concepções sonoro-musicais do grupo? As dúvidas e estranhamentos só aumentaram quando me dei conta, conversando e interagindo com eles, que alguns integrantes haviam vindo de Gana. Posteriormente descobriria que não era só a situação de mobilidade e o engajamento musical que aproximavam os dois grupos. Tanto os senegaleses como os ganeses da etnia *Hausa* no RS são muçulmanos ligados a uma mesma vertente sufi do Islã, o que também os coloca como uma mão de obra importante para os frigoríficos da região que exportam para países árabes grandes quantidades de carne *halal,* abatida segundo os preceitos do Islã.

A partir desse primeiro contato pude estabelecer um vínculo de amizade com os ganeses Sulemana e Mustapha (32 e 35 anos) e com o senegalês Adames (48 anos), que abriram as portas para suas vidas, me recebendo em suas casas e me apresentado ao seu universo musical aqui no Brasil. Logo se tornaram também meus colaboradores de pesquisa e passei a viajava até Caxias do Sul para acompanhar as atividades de performance e ensaios do grupo. Minha trajetória como percussionista abriu caminhos para inclusive ser convidado a participar de algumas delas. Esse envolvimento prolongado e de proximidade foi aos poucos me revelando as dinâmicas do grupo. Frequentar os ensaios do *Sabar África* em finais de semana, eram provas do trabalho árduo semanal realizado por esses sujeitos no mercado de trabalho formal onde costumam fazer serão para aumentar a renda no final do mês ou ainda no meio informal da venda ambulante onde ficam diretamente expostos à violência exercida tanto pela fiscalização como pelo preconceito.

O *Sabar*[4] *África* é um grupo de percussão, dança e canto formado por imigrantes senegaleses e ganeses em 2014 na cidade de Caxias do Sul e ligado à associação dos senegaleses da cidade. O repertório de sons apresentados pelo grupo engloba tanto canções e danças tradicionais do Senegal, Gana e Guiné como músicas populares africanas usando instrumentos como o *Djembe* e o *Dundum,* associados ao complexo cultural *Made*[5]. Fazem parte do *Sabar África* os senegaleses Adames Ndiaye, Birane Mbaye, Madou Faye e os ganeses Mustapha Ibrahim e Sulemana Nero, porém a formação do grupo não é algo fixo característica talvez da contingência da mobilidade quando novos sujeitos chegam e são integrados ou se integram ao

grupo e outros por sua vez seguem sua trajetória de mobilidade, ou ainda a rotina de trabalho que eventualmente impede a participação em ensaios e performances. Soma-se a isso também os brasileiros que, interessados em aprender tambor, dança ou identificados com uma ancestralidade africana, se unem ao fazer musical do grupo.

As cortinas do teatro se abriram e o grupo *Sabar África* já estava posicionado com seus tambores no palco. Mustapha iniciou um canto que foi respondido pelos outros integrantes acompanhado pelo toque espaçado dos tambores. Sulemane realizou uma pequena frase rítmica convidando os outros tambores a se juntarem a ele intensificando a polirritmia sobre a qual Mustapha continuava cantando. Foi quando a senegalesa Saly Seck, de 22 anos, entrou em cena girando seus braços e pernas, movimentos característicos da dança do *sabar*, surpreendendo a mim e ao público, pois nunca havia visto ela se apresentar com o grupo.

Para se afastar do entendimento da música como uma forma de arte única e das categorias ou gêneros (*folk*, popular, clássico, *world music*...) nas quais essa suposta arte unitária e classificada, Thomas Turino (2008, p.26) sugere dois tipos de campos da performance musical em tempo real - performance participatória e performance de apresentação - que são particularmente pertinentes nesse caso.

Sabar África no palco do África Fashion Diversidade. Da direita para a esquerda: Modou, Mustapha, Birane, Sulemana, Saly, Adames [foto do autor]

O fazer musical do grupo *Sabar África* meio que caminha entre esses dois campos colhendo tanto as vantagens como as desvantagens dos dois. Dentre os integrantes do grupo

apenas Sulemane e Mustapha estavam intensamente envolvidos com o fazer musical em Ghana e nesse sentido o grupo surge como um convite à participação, ao aprendizado e ao engajamento. Durante os ensaios do grupo para o África Fashion Diversidade esperava-se que as pessoas presentes participassem dançando ou tocando tambor. Na maioria dos ensaios em que estive presente era convidado a tocar junto. Em uma situação de apresentação, onde essa separação entre performers e audiência é esperada, a participação de outras pessoas que não ensaiaram com o grupo ou que não estão familiarizadas com essa música, muitas vezes consequência da ausência de algum dos membros devido a questões laborais, também é incentivada o que pode contribuir para a apresentação não ser tão bem-sucedida na visão do grupo, gerando uma certa insatisfação.

Contradições como estas parecem compreensíveis se pensarmos em um cenário de mobilidade que se mostra muitas vezes hostil e onde o fazer musical acaba sendo um potencializador de relações sociais e cooperação. Stokes (2011) lembra que a música é, em muitos contextos migrantes, um meio particularmente importante de construir um lar e imaginar um futuro. Segundo Guijarro (2016), o âmbito da migração e as hostilidades enfrentadas nesse novo contexto social aumentam consequentemente um desejo e busca de um engajamento espiritual e pertencimento à comunidade ao passo que sujeitos que não possuíam uma ligação mais íntima com determinada religião, ou com a música como no caso de alguns integrantes do *Sabar África*, acabam, nesse novo lugar, sendo atraídos por ela devido à sua força coesiva e emocional. Nesse sentido que Toynbee e Dueck (2011, p.22) abordam a relação da música na conformação de imaginários sociais que surgem quando pessoas, em grande parte desconhecidas umas das outras, passam a compartilhar um senso de afiliação.

Os registros dessas apresentações e ensaios circulam via aplicativos de mensagens instantâneas e em sites online mantendo-os conectado musicalmente ou reconectando-os com seus familiares e amigos que ficarem ou que também estão em mobilidade. Esse contato, no entanto, não se estabelece sem tensões. Ser migrante para esses sujeitos é também assumir responsabilidades e demandas em relação a sua família que ficou. As fotos e vídeos do grupo em teatros e se apresentando para plateias lotadas, como no caso do África Fashion Diversidade que inclusive não teria condições de remunerar os grupos, pode passar a impressão de um sucesso econômico que por sua vez aumentam as cobranças e solicitações de auxílio de seus familiares.

Além do *Sabar África* apresentaram-se outros grupos da cidade. Tonico de Ogum, que desenvolve um trabalho de educação musical nas escolas de Caxias do Sul por meio da música afro-brasileira e instrumentos construídos com sucata e o guitarrista Dan Ferreti que

convidou a todos, público e artistas, para subirem ao palco para cantar e tocar com ele sucessos da música popular brasileira. Meus colaboradores Mustapha, Sulemana e Adames, junto com os brasileiros Roberto e Maysa, também participaram de outro momento importante daquela noite. Eles foram convidados pelo senegalês Ansoumana Cisse, de 33 anos, para participar da elaboração de uma performance de percussão e dança coreografada por ele. Ansoumana trabalhava com isso no Senegal e por meio desse projeto nomeado SeneGanBrasil, pode atualizar suas experiências musicais no palco do Africa Fashion Diversidade.

Grupo de percussão e dança coreografada *SeneGanBrasil.* Da direita para a esquerda: Mustapha, Roberto, Sulemana, Maysa, Ansoumana e Adames [foto: Roberto Ribeiro]

Essa experiência etnográfica oferece uma reflexão inicial sobre os desafios e contradições que afetam os fazeres musicais de imigrantes africanos no Rio Grande do Sul onde senegaleses e ganeses, que se encontram na mobilidade, organizam e se engajam no fazer musical potencializando seus diferentes capitais musicais, buscando diferentes objetivos e se relacionando de diferentes maneiras com esse fazer. Ela nos permite começar a pensar como esses sujeitos constroem suas vidas e seus projetos musicais nesse novo lugar, projetos esses que podem ser continuações de projetos que foram interrompidos pela escolha de migrar ou frutos desse mesmo processo, e o enfrentamento não só de uma rotina árdua de trabalho, mas também das assimetrias e hostilidades depositadas sobre seu status de imigrante. Ela também nos permite perceber como esses sujeitos se mantêm conectados musicalmente com familiares e amigos distantes por meio do compartilhamento dos registros de suas experiências musicais mesmo que isso eventualmente gere mal-entendidos com seus familiares que ficaram. Isso deixa claro que não faz mais sentido falarmos sobre migrantes como indivíduos desenraizados, mas sim como sujeitos transnacionais (SCHILLER et al., 1992, p.1) que mantem múltiplas relações familiares, econômicas, sociais e musicais em campos sociais que perpassam fronteiras

geográficas, políticas e culturais.

Tentando responder em parte a pergunta que abre essa reflexão, se a sociedade ainda parece distante de reconhecer que todos nós somos em alguma instância resultado de fluxos migratórios e relações interculturais, o África Fashion Diversidade de fato representou uma ruptura, um momento de encontro e trocas que aproximou a sociedade da realidade migrante, dos desafios que ela enfrenta e das múltiplas experiências, cores e sabores que a compõe. Voltando à fala de Billy na abertura desse texto, não são só as pessoas que migram, junto com elas viajam objetos, práticas e sons que, nesse novo contexto, se tornam um meio particularmente importante no exercício de um pertencimento e de trocas. É nesse sentido que a música assume um papel significativo dentro do fenômeno migratório.

Referências

BRIGNOL, Liliana Dutra. Senegaleses na mídia: representações de novos fluxos migratórios para o Rio Grande do Sul. IN: *ALAIC - Revista latino-americana de ciencias de la comunicación*. v. 12, n. 22 (ano 12) enero/junio. 2015, p. 70-81.

CARDOSO, Ruth. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: *A Aventura Antropológica,* São Paulo, Paz e Terra, 1986, p. 85-105.

CHARRY, Eric. *Mande Music.* Chicago. University of Chicago Press. 2000.

GIBERT, Marie Pierre. *Transnational Ties and Local Involvement: North African Musicians In and Beyond London*. Music and Arts in Action, Volume 3, Issue 3. 2011. p. 92-115.

GUIJARRO, Ester Massó. *Transnational Baye-fallism: Transformation of a Sufi Heterodoxy through Diasporic Circulation.* African Diaspora, volume 9, 2016. p. 77–99.

MATTOS, Alice Lopes. *Racismo e xenofobia no Brasil: análise dos instrumentos jurídicos de proteção ao imigrante negro*, 2016, 75 p. Monografia (Graduação em Direito) Departamento de Direito, Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

SCHILLER, Glick et al. *Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration.* Annals of the New York Academy of Sciences. 1992.

SEEGER, Anthony. *Etnografia da música*. Cadernos de campo, São Paulo. n. 17, 2008. p. 237-260.

STOKES, Martin. Migrant/migrating music and the Mediterranean. In: TOYNBEE, Jason; DUECK, Byron (eds.). *Migrating music*. Londres, (RU), Routledge, 2011. p.21-37.

TANG, Patricia. *Masters of the Sabar: Wolof Griot Percussionists of Senegal*. Philadelphia: Temple University Press, 2007.

TEDESCO, J. Carlos; KLEIDERMACHER, G. (org.). *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*. Porto Alegre: EST Edições, 2017.

TITON, Jeff Todd. Knowing fieldwork. In: BARZ, Gregory; COOLEY, Timothy J. (orgs.). *Shadows in the field: new perspectives for fieldwork in ethnomusicology*. (2ª ed.) Oxford University Press, 2008, p. 25-41.

TOYNBEE, Jason; DUECK, Byron (eds.). *Migrating music*. Londres, (RU), Routledge, 2011.

TURINO, Thomas. Music as Social Life: the politics of participatiom. University of Chicago Press, 2008.

Notas:

[1]Para uma discussão recente ver, por exemplo, MATTOS, 2016.
[2]Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4007JAaShAk&t=614s
[3] Dentre eles: a crise financeira de 2008 e o crescimento socioeconômico brasileiro até 2015 (ZAMBERLAN apud BRIGNOL, 2015, p.73), ao que se somou a realização da Copa do Mundo no Brasil em 2014, além do recente cenário de mobilidade global que agravara-se também em função da crise de refugiados na Europa e o estigma depositado sobre alguns grupos de imigrantes, como os muçulmanos (GIBERT, 2011, p.94). Também na imigração em si, que endureceu as políticas migratórias de países historicamente receptores desses fluxos, colocando a América Latina no mapa das migrações e "alimentando a já denominada migração sul-sul do mundo" (TEDESCO; KLEIDERMACHER, 2017, p.14).
[4] O termo *Sabar* refere-se à tradição percussiva dos *griôs* da etnia *wolof* do Senegal (TANG, 2007, p.1), porém é usada aqui, segundo meus colaboradores, como um sinônimo de percussão.
[5] A palavra *Mande,* ou *Mali,* tem origem no grande império do Mali estabelecido no inicio do século XIII, que se espalhou por toda a África Ocidental assimilando culturas locais e disseminando a sua. Seus descendentes hoje compõem partes significantes das populações de muitos países da África Ocidental (CHARRY, 2000).